

Lição 19: Se à unidade da causa segue a unidade do efeito, e vice-versa. Como causa e efeito se seguem mutuamente

“a1. Pode a causa de um— a2. Talvez seja impossível— a4. Ora, é possível— a17. A verdade é que causa,— a30. Se uma explicação— b7. Se premissas imediatas— b15. Quanto ao silogismo

Tendo resolvido a questão que levantou, a saber, se da existência do efeito segue a existência da causa, e reciprocamente; o Filósofo agora investiga se da unidade da causa segue a unidade do efeito, e reciprocamente. Sobre isso ele faz duas coisas. Primeiro, mostra como uma causa é inferida a partir de um efeito. Segundo, a partir disso mostra a conexão sequencial de causa e efeito (99a17). Quanto ao primeiro, ele faz três coisas.

Primeiro (99a1), propõe a questão, que é esta: Ocorre que do mesmo efeito não haja a mesma causa em todos os casos, mas causas diferentes, ou isso não ocorre? Pois parecia estar suposto na resolução da questão anterior que em diversos casos pode haver causas diversas para um mesmo efeito.

Segundo (99a2), resolve a questão distinguindo. Pois ocorre que algo é atribuído como causa de algum efeito de três modos: de um modo, tomando a causa *per se* e então concluindo o efeito demonstrativamente; de outro modo, tomando um sinal; de um terceiro modo, tomando um acidente. Portanto, se tomarmos como causa aquilo que é *per se* o meio da demonstração, não pode haver senão uma causa para um efeito em todos os casos. E prova isso com base no fato de que um meio *per se* nas demonstrações é uma formalidade do último, i.e., a definição do extremo maior, que, se precisa ser demonstrado do sujeito, será demonstrado pela definição do sujeito, como estabelecemos acima. Ora, é óbvio que de uma coisa há uma única definição. Logo, é necessário que de um efeito não haja causa senão aquela que é o meio da demonstração.

Contudo, se não se toma como causa inferente aquilo que é *per se* o meio da demonstração, mas algum sinal ou acidente é usado como meio, então acontece que de um efeito várias causas são tomadas, por assim dizer, em coisas diversas, como é claro no exemplo dado anteriormente. Pois a causa *per se* de algo ser censurável é que não está de acordo com a razão. Mas ser excessivo ou deficiente é um sinal daquilo que não está de acordo com a razão.

Terceiro (99a4), elucida sua solução mostrando que os membros da divisão que citou são possíveis. E diz que é possível considerar tanto aquilo que é a causa quanto aquilo de que é causa, *per accidens*: assim um músico é *per accidens* a causa de uma casa cuja causa *per se* é um construtor, que por sua vez é *per accidens* a causa de ser um refúgio para ladrões, se isso acontece na casa. De fato, esses problemas parecem até mesmo ser *per accidens*. Mas se causa e causado não são tomados *per accidens*, é requerido que o meio tomado como causa seja da mesma ordem que o efeito cuja demonstração se busca.

Portanto, se certas coisas são equívocas, então o meio comum que é tomado também será equívoco; se não são equívocas mas concordam como que em gênero, então o meio também será comum segundo o gênero. Assim, o fato de que proporcionais alternam, i.e., são comutativamente proporcionais, encontra-se univocamente em muitas coisas, digamos em números e em linhas, nas quais têm uma causa que em um sentido é diferente e em um sentido é a mesma: diferente, de fato, segundo a espécie, na medida em que uma linha é uma coisa e um número é outra; mas a mesma segundo o gênero, na medida em que tanto linhas quanto números concordam em ter tais incrementos dos quais a proporção comutativa é demonstrada deles.

Os outros exemplos que dá concernem a coisas equívocas. Diz que a causa de ser semelhante é uma coisa em cores e outra em figuras, porque semelhança é predicada equivocadamente das duas. Pois em figuras, ser semelhante consiste em nada mais que os lados tenham analogia, i.e., que os lados sejam proporcionais e os ângulos iguais. Mas em cores, a semelhança consiste no fato de que causam a mesma alteração no sentido, ou algo desse tipo.

Em terceiro lugar, porém, ele diz sobre as coisas que concordam segundo a analogia que, nesse caso, também se exige que o termo médio seja um segundo a analogia, como quando se afirmou acima que tanto o arco-íris quanto o eco são reverberações.

Em seguida (99a17), ele mostra como, à luz do que foi dito, as causas se sucedem umas às outras. Sobre isso, ele faz três coisas. Primeiro, mostra que tipo de conexão sequencial existe entre causa e efeito. Segundo, ordena essa conexão em uma figura silogística (99a30). Terceiro, levanta uma dúvida a partir do que foi dito (99b7).

Ele diz, portanto, primeiro (99a17) que o tipo de conexão encontrada entre a causa e o causado, e o sujeito no qual esse causado inere, é tal que, se alguém tomar, em um caso particular, aquilo de que se busca a causa, ela estará em mais do que a causa ou o sujeito. Assim, ter seus ângulos externos iguais a quatro ângulos retos pertence a todo triângulo por uma única razão, a saber, porque seus três ângulos externos somados aos seus três ângulos internos são iguais a seis ângulos retos. Portanto, como os três ângulos internos são iguais a dois ângulos retos, segue-se que os três ângulos externos são iguais a quatro ângulos retos. No entanto, um losango também tem quatro ângulos externos iguais a quatro ângulos retos, mas por outra razão. Pois seus ângulos

externos mais seus ângulos internos são iguais a oito ângulos retos, mas os quatro ângulos internos de um losango são iguais a quatro ângulos retos; portanto, os quatro ângulos externos são iguais a quatro ângulos retos. Portanto, ter seus ângulos externos iguais a quatro ângulos retos se estende a mais coisas do que o triângulo ou o losango; mas se estes últimos forem tomados em conjunto, eles se igualam ao primeiro. Pois todas as figuras, que concordam em ter seus ângulos externos iguais a quatro ângulos retos, devem igualmente concordar quanto ao seu termo médio, que é a causa de serem iguais a quatro ângulos retos. E ele prova isso, como no caso anterior, com base no fato de que o termo médio é a definição do extremo maior. E é por isso que todas as ciências se constituem em virtude de uma definição.

Ele prova isso também com um exemplo das coisas naturais. Pois o fato de suas folhas caírem decorre de ser uma videira, mas se estende a mais, porque é verdadeiro de várias outras coisas; também decorre de ser uma figueira e se estende a mais. Mas não se estende a mais do que a soma total das coisas nas quais é encontrado, mas é igual à sua soma. Portanto, se alguém deseja descobrir qual é o primeiro termo médio em relação a todos, será a definição do fato de que as folhas caem: e essa definição será o primeiro termo médio em relação aos outros, uma vez que todos os outros são tais. E, novamente, algum outro termo médio será descoberto para isso, digamos que a seiva endurece por secagem, ou algo desse tipo. Portanto, se for perguntado o que é ter folhas caindo, diremos que não é nada mais do que "a seiva seminal endurecendo em um ponto de contato", i.e., onde a folha encontra um galho.

Em seguida (99a30), ele ordena o modo da referida conexão em forma silogística, dizendo que, se a sequência de causa e efeito for buscada, ela pode ser atribuída da seguinte maneira, segundo as figuras dos silogismos. Assim, seja A em todo B, e B em todas as coisas que são D, mas em coisas adicionais a D. Então B inerirá universalmente nas coisas contidas sob D, na medida em que se diz que aquilo que não se converte é universal. Mas um universal primário é aquele tal que cada um dos inferiores contidos sob ele não se converte com ele, mas todos eles, tomados em conjunto, se convertem com o primeiro universal e excedem cada um daqueles que estão contidos sob ele. Assim, portanto, a causa do fato de que A inere nas coisas contidas sob D é B. Portanto, é necessário que A se estenda a mais coisas do que B. Se não fosse assim, mas fossem iguais, então por que B seria a causa de inferir que A está em D, mais do que A seria a causa de inferir que B está em D? Pois qualquer uma das duas coisas conversíveis pode ser concluída a partir da outra.

Suponha, além disso, que A seja predicado de todas as coisas nas quais E inere, mas não seja conversível. Então será necessário dizer que todas as coisas contidas sob E formam uma coisa, que é diversa de B. Pois se A não fosse diverso de B, como poderia ser verdadeiro dizer que A inere em todo B e vice-versa, uma vez que A está apenas em E e em B? E assim se seguiria, se E e B não fossem diversos, que A não estaria em mais do que E. Portanto, suponha que A esteja em mais coisas do que D e do que E. Então por que não se poderia encontrar uma causa explicando por que ele está em todas as coisas que estão em D? E essa causa é B. Mas ainda devemos investigar se todas as coisas contidas sob E têm uma causa. Seja C essa causa. Assim, portanto, ele conclui que uma mesma coisa acaba tendo várias causas, mas não no mesmo sujeito segundo a espécie. Assim, a causa daquilo que é A é tanto B quanto C; mas B é a causa de que A seja encontrado nas coisas contidas sob D, enquanto C é a causa de que A seja encontrado nas coisas contidas sob E. E ele dá um exemplo das coisas naturais. Tome-se o fato de *ser longevo* como A; *quadrúpedes* como D; *não ter bílis*, i.e., em excesso (que é a causa da longevidade nos quadrúpedes) como B; *aves*

como E; e *ser seco*, ou algo desse tipo, que é a causa da longevidade, ou algo desse tipo nas aves, como C.

Em seguida (99b7), ele levanta um problema ocasionado pelo que foi dito. Pois foi afirmado acima que não se chega imediatamente, desde o início, a algo atômico, i.e., ao indivisível, no qual se encontra aquilo cuja causa está sendo buscada. Mas imediatamente muitas coisas indistintas são encontradas nas quais essa única coisa ocorre; além disso, não há um termo médio único através do qual essa única coisa possa ser demonstrada de todas, e as causas são várias. A dúvida, portanto, é esta: Se alguma causa deve ser tomada desses vários termos médios, deve ser tomada do lado do universal primário, digamos do lado de A, ou do lado dos singulares, i.e., daqueles que são menos comuns, como E e D foram tomados acima, i.e., quadrúpedes e aves?

E ele responde a isso dizendo que é sempre necessário tomar os termos médios que estão mais próximos do sujeito, no qual a causa daquele efeito comum é procurada: e é necessário proceder assim até que se chegue àquilo que é imediato ao efeito comum. E ele atribui uma razão para isso, a saber, porque aquilo que está do lado do que está contido sob algo comum é a causa de ele estar sob essa coisa comum; assim como é o caso se D está sob B, e se C é a causa de D ter B em si. E a partir disso segue-se ainda que C é a causa de A estar em D, e que B é a causa de A estar em C. Mas A está em B por si mesmo e imediatamente.

Finalmente (99b15), ele resume o que foi dito em todo o ensino dos *Analíticos*, dizendo que está claro a partir de tudo o que foi declarado — tanto no livro dos *Anteriores* quanto neste livro dos *Posteriores* — sobre o silogismo e sobre a demonstração, tanto o que cada um é quanto como cada um é formado. Além disso, com relação à ciência demonstrativa, também está claro como ela existe em nós. Pois isso pertence à mesma coisa, porque a demonstração é um silogismo que causa conhecimento científico, como foi estabelecido acima.

Revision #2

Created 20 September 2026 17:54:07 by Admin

Updated 20 September 2026 23:15:05 by Admin